



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Feevale, Novo Hamburgo,
RS – 17 a 19 de maio de 2010
Comunicação, Cultura e Juventude.
DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação

Comunicação Supercrítica: Uma Proposta no Pós-Modernismo¹.

Polianne Merie ESPINDOLA²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, RS.

RESUMO

Diante de uma nova lógica espaço-temporal mundial, a partir da nomeação de pós-modernidade para uma determinada configuração social, cultural, histórica e econômica, é necessário refletir sobre os novos formatos de pensamento quanto às transformações ocorridas neste cenário mundial. Para tanto, utilizaremos autores da comunicação, da cultura e seus entornos para propor uma comunicação nova, denominada comunicação supercrítica.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Pós-modernismo; Comunicação Supercrítica.

INTRODUÇÃO

O pós-modernismo é uma condição sócio-cultural do capitalismo contemporâneo. “Foi criado por um grupo de filósofos franceses do pós-guerra que rejeitavam a filosofia existencialista predominante no país no final dos anos 1940 e início dos 50”. (JACKSON, 2007, p. 337). Segundo os autores do livro ‘Introdução às Relações Internacionais’, o pós-modernismo caracteriza-se pelo fim das metanarrativas.

Exemplificando alguns autores pós-modernos tem-se: o francês Jean-François Lyotard com seu livro ‘A Condição Pós-Moderna’, onde ele ratifica o fim das metanarrativas; o norte-americano Fredric Jameson, como a pós-modernidade sendo uma lógica social e cultural do capitalismo, encabeçado em seu livro ‘A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio’, onde rejeitou explicitamente qualquer oposição moralista à pós-modernidade como um fenômeno cultural. Já o polonês Zygmunt Bauman contribuiu com a pós-modernidade com o seu conceito e coletânea de livros sobre a liquidez. Esta condição pós-moderna sendo uma realidade ambivalente e multiforme. Em uma

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação Social, FAMECOS – PUCRS. E-mail: poliannespindola@gmail.com



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Feevale, Novo Hamburgo,
RS – 17 a 19 de maio de 2010
Comunicação, Cultura e Juventude.

DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação

variação terminológica, Gilles Lipovetsky cunhou o termo hipermodernidade, onde os tempos atuais são modernos, com uma exarcebação de certas características, tais como o individualismo, o hedonismo, o consumismo. A pós-modernidade é marcada, segundo ele, pelo desinvestimento público, pela perda de sentido das grandes instituições morais, sociais e políticas, e por uma cultura aberta que caracteriza a regulação "cool" das relações humanas, em que predominam tolerância, personalização dos processos de socialização e coexistência pacífico-lúdica dos antagonismos - violência e convívio, modernismo e "retrô", ambientalismo e consumo desbragado, etc.

Os pós-modernistas criticam a ideia que a modernidade leva ao progresso e a uma vida melhor para todos. As contribuições destes autores são: o esvaziamento de egos e conceitos acadêmicos; o questionamento de verdades universais, mas se apresenta um pouco tendenciosa e negativista. Além de afirmar que a desconstrução é melhor que a construção, fato este que nem sempre pode ter tida como verdade absoluta.

1. Comunicação supercrítica.

A tecnologia, a construção mundial atual, tudo isso altera a linguagem, a forma como enxergamos os outros, nós mesmos e como nos relacionamos. Os valores hoje em dia são recriados constantemente.

Na engenharia têm-se um tipo de extração chamada de supercrítico. Este tipo de subtração me serve no estudo como uma forma de explicar como a sociedade e as pessoas interagem na atualidade. A comunicação e os estereótipos, proponho, são supercríticos, pois, na medida em que se espalham facilmente, são extremamente mutáveis. Mas antes vamos ao conceito de supercrítico nos estudos da engenharia:

Um fluido supercrítico exibe propriedades físico-químicas entre as de um líquido e de um gás. Sua densidade relativamente alta e parecida a dos líquidos, com poder solvente, tem transferência de massa relativamente menor que ao de um líquido. Similarmente, a viscosidade dos fluidos supercríticos estão em um fator de 1 a 100 mais baixos que os líquidos. As solubilidades se incrementam quase exponencialmente com a densidade, pequenas trocas na pressão podem resultar em variações muito grandes da solubilidade. Com isso um engenheiro ajusta à sua conveniência a pressão e



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Feevale, Novo Hamburgo,
RS – 17 a 19 de maio de 2010
Comunicação, Cultura e Juventude.

DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação

temperatura, favorecendo de forma eficiente e seletiva a extração³. (ORTIZ, 2003).

Para o estudioso Zygmunt Bauman, estamos vivendo na liquidez das interações. Em uma série de livros, o autor expõe sua opinião a este respeito: “... as organizações sociais (...) não podem mais manter sua forma por muito tempo (...), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las...”. (BAUMAN, 2007, p.07).

Em seu livro ‘Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos’ (2004), o autor fala das tensões que envolvem as relações, a individualização e a ambivalência dos nossos tempos. Vou além sugerindo que as tensões envolvem qualquer interação entre pessoas, seja ela qual for, de acordo com a disposição para a interação e a necessidade de convivência e coabitação. “A misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (...) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos”. (BAUMAN, 2004, p. 08).

Neste artigo sugiro que as relações, moldadas pelo estereótipo, pelas tecnologias e trocas simbólicas maximizadas, a comunicação se dá no âmbito crítico, aliás, supercrítico, no sentido de uma comunicação realizada em uma sociedade altamente efervescente em suas interações, produções, criações e estímulos. Não somos mais fluidos como sugere Bauman, somos supercríticos, fazendo um trocadilho com a engenharia e também como o estado crítico de uma situação (neste caso das interações humanas).

Assim como na extração supercrítica advinda da engenharia, onde se extrai o óleo essencial de plantas e flores, por exemplo, sugiro que atualmente estamos num estágio onde não agimos segundo a liquidez, mas estamos caminhando para interações quase que gasosas.

³ (Tradução própria) Un fluido supercrítico exhibe propiedades fisicoquímicas entre las de un líquido y la de un gas. Su densidad relativamente alta y parecida a la de los líquidos, le da un buen poder solvente, y la transferencia de masa relativa a la de un líquido es mayor. Similarmente las viscosidades de los fluidos supercríticos están en un factor de 1 a 100 más bajos que los líquidos. Las solubilidades se incrementan casi exponencialmente con la densidad, pequeños cambios en la presión pueden resultar en variaciones muy grandes de la solubilidad, lo que da al ingeniero de diseño la capacidad de ajustar a su conveniencia La presión y temperatura, favoreciendo en forma eficiente y selectiva La extracción. (ORTIZ, 2003).



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Feevale, Novo Hamburgo,
RS – 17 a 19 de maio de 2010
Comunicação, Cultura e Juventude.

DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação

É essa fluidez que, suportando forças tangenciais, sofrem uma constante mudança de formas, de estereótipos, quando submetidos a tal tensão. Os fluidos não fixam o espaço nem prendem o tempo. Estão sempre aptos a mudar.

Os fluidos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’; são ‘filtrados’, ‘destilados’; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. (...) A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à idéia de ‘leveza’. (...) Associamos ‘leveza’ ou ‘ausência de peso’ à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leve viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos. (BAUMAN, 2001, p. 8).

A capacidade de conviver com a diferença, e ao mesmo tempo não saber como conviver com os estereótipos, é característico da contemporaneidade e desta fluidez supercrítica. A incapacidade de enfrentar a pluralidade de seres humanos e a ambivalência de todas as decisões classificatórias, ao contrário, se autoperpetuam e reforçam: quanto mais eficazes a tendência à homogeneidade e o esforço para eliminar a diferença, tanto mais difícil sentir-se à vontade em presença de estranhos, tanto mais ameaçadora a diferença e tanto mais intensa a ansiedade que ela gera.

A instantaneidade faz com que cada momento pareça ter capacidade infinita significa que não há limites ao que pode ser extraído de qualquer momento – por mais breve e ‘fugaz’ que seja.

O medo é reconhecidamente o mais sinistro dos demônios que se aninham nas sociedades abertas de nossa época. Mas é a insegurança do presente e a incerteza do futuro que produzem e alimentam o medo mais apavorante e menos tolerável. Essa insegurança e essa incerteza, por sua vez, nascem de um sentimento de impotência: parecemos não estar mais no controle. (BAUMAN, 2007, p. 32).

É esse medo, essa incerteza do devir que me faz ousar e expor um conceito diferenciado sobre as tendências humanas. Pois estamos beirando a uma comunicação do colapso, do limite, como sugiro ser a comunicação supercrítica. Neste caleidoscópio de diferenças, os estereótipos, tudo é altamente rápido e recriado na velocidade das nossas tecnologias de comunicação.

A diferença é algo com que se pode viver na medida em que se acredita que o mundo diferente é, como o nosso, um ‘mundo com uma chave’, um mundo ordenado como o nosso, apenas um mundo ordenado habitado por amigos *ou* inimigos, sem híbridos para distorcer o quadro e confundir a ação e com regras e divisões que podemos ainda desconhecer mas que podemos aprender se necessário.

(BAUMAN, 1999, p. 68) (grifo do autor).



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Feevale, Novo Hamburgo,
RS – 17 a 19 de maio de 2010
Comunicação, Cultura e Juventude.
DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação

Esta ironia proposta na citação acima, só corrobora com a tendência de uma comunicação supercrítica que apresento.

O estudo da comunicação supercrítica na pós-modernidade é relevante no cenário mundial atual. Com as fronteiras estatais crescentemente porosas, a interação entre os povos através do turismo, migrações, comércio, intercâmbios, consumo de bens simbólicos cresce intensamente. Por isso mesmo é socialmente relevante.

Poderíamos pensar que na sociedade moderna, caracterizada por um predomínio da racionalidade tecnológica e por uma maior aceitação dos valores de igualdade e convivência democrática.

Pode-se dizer que o estereótipo frente ao diferente encontra força na ação conjunta de três fatores. Em primeiro lugar, está a característica de necessidade de simplificar a realidade. Um segundo fator é a necessidade de pertencimento a um lugar que faz com que o indivíduo tenha uma identidade, reconheça seu similar, mas que tenha aversão ao outro ou o observe como exótico, mesmo que inconscientemente. Em terceiro lugar estão as razões de tipo histórico e social que definem a posição e funções de cada grupo humano em um nível global.

Exemplos comuns de tais estereótipos são afirmações do tipo: alemães frios, ingleses reservados, italianos simpáticos, franceses detentores de grande sentido estético, etc. As características nacionais imaginadas, na ausência de informações consistentes, funcionam como instrumento de previsão e orientação. Assim, ao encontrarmos um europeu, por exemplo, saberemos que não podemos fazê-lo perguntas pessoais, evitando assim que nossa latinidade nos ponha em uma situação embaraçosa. (HUNTINGTON, 1997).

O conteúdo do estereótipo expressa tendências de comportamento de grupos humanos inteiros. É, por decorrência, um aspecto da natureza humana que interessa a uma multiplicidade de áreas de conhecimento.

Para o autor Dominique Wolton, comunicação implica uma relação com o outro, uma valorização de alteridades. Comunicar visa sempre a negociação.

Sendo assim, a tolerância é uma grande questão comunicacional, política e cultural. Para Wolton (2008) “... a comunicação reduz as distâncias, cria uma aproximação se tivermos os mesmos códigos culturais. Mas caso não tenhamos os



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Feevale, Novo Hamburgo,
RS – 17 a 19 de maio de 2010
Comunicação, Cultura e Juventude.

DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação

mesmos códigos culturais, pode gerar conflitos”. Neste sentido, o autor aponta que a coabitação cultural deve ser adotada como ponto essencial da comunicação. “Há progresso na comunicação quando permite entender o outro, mas há uma perversão quando mistura tudo”. (WOLTON, 2008).

Para o autor é preciso que seja mantida a diversidade na comunicação, uma revalorização das identidades. Nem sempre concordamos, mas temos que negociar e assim chegar numa coabitação. Para Dominique Wolton (2008), coabitação supõe igualdade, respeito mútuo e a vontade de se chegar a um consenso mínimo.

A questão da comunicação e da coabitação está muito associada com a cultura. Já que para o autor “... a maneira de construir a informação, de apresentá-la, de prever os meios de acessá-la, não é universal, ela está ligada aos esquemas culturais”. (WOLTON, 2003, p. 96).

A capacidade de conviver com a diferença, sem falar na capacidade de gostar dessa vida e beneficiar-se dela, não é fácil de adquirir e não se faz sozinha. A incapacidade de enfrentar a pluralidade de seres humanos e a ambivalência de todas as decisões classificatórias, ao contrário, se autoperpetuam e reforçam: quanto mais eficazes a tendência à homogeneidade e o esforço para eliminar a diferença, tanto mais difícil sentir-se à vontade em presença de estranhos, tanto mais ameaçadora a diferença e tanto mais intensa a ansiedade que ela gera.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Feevale, Novo Hamburgo,
RS – 17 a 19 de maio de 2010
Comunicação, Cultura e Juventude.
DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

JACKSON, Robert. **Introdução às relações internacionais: teorias e abordagens**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. 1996.

_____. **Internet e depois?**. 2003

_____. **Palestra ‘Comunicação, modernização e tecnologia’**. Porto Alegre, 21 e 22 de agosto de 2008. PUCRS.

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Globalização: As conseqüências humanas**. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

HUNTINGTON, Samuel P. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 1997.